

A difícil arte de dizer adeus

Sem recursos, senadores preferem desistir da política

JOÃO EMILIO FALCÃO
Da Editoria de Política

LUÍZ MARQUES



Fragelli não quer disputar a reeleição e volta para Aquidauana. Simon tentará o governo gaúcho

A presidência do Senado afastou da disputa eleitoral deste ano o seu atual e o último ocupante, senadores José Fragelli (PMDB-MS) e Moacir Dalla (PDS-ES), respectivamente. Ambos desgastaram-se politicamente, por motivos diversos, no exercício da presidência, que, em 82, foi uma das principais causas da derrota do então senador Jarbas Passarinho.

Apenas um senador, Octávio Cardoso (PDS-RS), afasta-se da política por descanto, preferindo não disputar qualquer outro cargo. Luiz Cavalcanti (PFL-AL), ex-governador, senador por duas legislaturas, desistiu por não querer e não ter condições de "disputar a eleição". Fragelli também não deseja gastar um dinheiro que "não ganharia em 30 anos de trabalho".

MARCA

O exercício da presidência abalou o senador Moacir Dalla e até agravou suas dificuldades coronárias. Ele saiu muito desgastado pelas nomeações do chamado "trem da alegria", do qual foi o responsável formal. Quase todos os senadores — inclusive o presidente Sarney — indicaram pessoas, mas Dalla foi o principal acusado.

Prejudicou-se, também, com as discussões sobre a emenda constitucional das eleições diretas, quando teve de solicitar tropas federais para garantir a votação, e na apreciação do registro da candidatura do senador Sarney a vice-presidente, impugnada pelos malufistas. Coube-lhe a decisão final, votando a favor da candidatura. Mas teve sérios aborrecimentos.

Nas últimas vezes em que apareceu no plenário do Senado, Dalla era um homem introvertido, contrariando seu temperamento. Chegou, ao ser provocado por críticas à sua administração, a ameaçar revelar os nomes de todos os que colocaram passageiros no "trem da alegria". A situação foi contornada com vários apelos. Apesar de ter prestígio eleitoral no

DIVERSAS

A decisão de Fragelli teve vários motivos. Não há, como tem dito a amigos, uma causa principal. Se esta houver, será o pedido de sua esposa. Contudo, sabem os senadores que pesou muito em sua decisão o fato de só poder gastar na campanha cerca de Cz\$ 2 bilhões, quando precisaria, no mínimo, mais Cz\$ 8 bilhões. Apesar de rico, Fragelli acha que não vale a pena — "teria de passar 30 anos trabalhando" — e nem se dispõe a aceitar as ajudas oferecidas.

A presidência não lhe deu muito tempo para manter contatos com as bases eleitorais, pois ficou retido nesta cidade por vários compromissos. Nem sequer participou da campanha eleitoral de prefeitos. Depois, teria de disputar na sublegenda com o ex-governador Wilson Martins, seu amigo. Suas possibilidades eleitorais não são as mesmas de antes, mas isto não o preocupava. "Perder eleição não é nenhuma vergonha" — comenta.

Como Passarinho em 81/82, Fragelli foi prejudicado pela crise do legislativo,

o poder mais criticado nos últimos anos. As medidas moralizadoras que adotou provocaram reações de vários lados e ele não teve condições políticas de impor seu ponto de vista de cortar o jeton dos que não compareciam às sessões do Congresso.

DESILUSÃO

O senador Luiz Cavalcanti é um exemplo de como o poder econômico está aumentando sua influência nas eleições. E dos mais assíduos às sessões, tendo irritado muitos parlamentares quando defendeu o corte dos jetons. Foi dos primeiros a se rebelar contra a candidatura Paulo Maluf no PDS, e chegou a ser cogitado para vice-presidente da República por Tancredo Neves.

Octávio Cardoso tem sido um dos parlamentares mais expressivos do Senado desde o início da Nova República, quando passou a ser a oposição. Foram dele os discursos sobre abusos na Caixa Econômica, restrição de créditos para os agricultores, comparação entre a Velha e a Nova República para mostrar que nem os homens mudaram e a crítica mais veemente ao Plano Cruzado. Não quis ser candidato. Acha que o Congresso não influi em quase nada.

Sua grande decepção ocorreu como presidente da comissão especial do Congresso para estudar a reforma da Constituição a fim de fortalecer o Legislativo. Entregou a proposta ao presidente Ulysses Guimarães, que simplesmente a engavetou desde abril último.

O ARTISTA

Dois senadores, Alberto Silva (PMDB-PI) e Pedro Simon (PMDB-RS), não disputarão a reeleição porque preferem o Governo. Ambos têm boas possibilidades de vitória. Em seus oito anos de mandato, Simon foi, sempre, um expoente do PMDB, do qual é vice-presidente. Destacou-se na oposição ao Governo Figueiredo e acabou sendo escolhido para ministro por Tancredo Neves, cuja candidatura apoiou desde o início.

Dos que deixam a política, o que maior influência exerceu na história brasileira é Amaral Peixoto (RJ), presidente do PDS. As suas condições de elegibilidade são difíceis, mas existem. Contudo, preferiu afastar-se. "Um artista tem de saber a hora de sair do palco" — afirmou. "Mesmo se o povo está batendo palmas, pedindo bis?" — indagou-lhe um re-

pórter. Ao que respondeu: "Mesmo assim. O artista volta, agradece e sai em sua hora".

PRESTÍGIO

Alguns senadores tentam ficar na política como deputado federal. São eles: Aloísio Chaves (PFL-PA), Eunice Michilles (PFL-AM), Gabriel Hermes (PDS-PA), Jaison Barreto (PDT-SC) e José Lins (PFL-CE). Destes, Aloísio Chaves foi o que alcançou mais projeção no Senado, chegando a líder do Governo. Esteve para ser eleito presidente do Senado e foi considerado pelos presidentes Sarney e Ulysses Guimarães como um parlamentar imprescindível na Constituinte.

Entre os que saem do Senado está, também, Murilo Badaró (PDS-MG), ministro da Indústria e Comércio no governo Figueiredo e atual líder do PDS. Tinha reeleição garantida se fizesse coligação com o PL-PFL-PDT em Minas Gerais. Preferiu, no entanto, ser candidato a governador de Minas Gerais, na esperança de obter o apoio do governador Hélio Garcia. Não conseguiu e está com um percentual muito baixo nas pesquisas. Foi, para os observadores, quem fez o cálculo político mais errado.